

RÁDIO ESCOLAR COMO PROPULSORA DO DIALOGISMO BAKHTINIANO

Alessandra Goulart D'Avilla¹
Fabiana Giovani²

RESUMO: O presente artigo tematiza a implementação e análise do trabalho com uma Rádio Escolar como propulsora do dialogismo bakhtiniano. Além disso, também visa o trabalho com a oralidade, em especial o trabalho desenvolvido com gêneros orais enquanto prática social, e ainda, a escuta e sua função para com o projeto. Quanto aos referenciais teóricos, destacam-se os autores Bakhtin, Fiorin e Faraco, sobre dialogismo; Dolz e Schneuwly, no que se refere à oralidade e aos gêneros orais na escola; Baltar, sobre Rádio Escolar; Geraldi, quanto às práticas sociais; Bakhtin, na abordagem dos gêneros discursivos e Ponzio, se tratando da escuta. Através de um local de escuta e exotópico, constatou-se que a rádio pode ser considerada um meio de diálogo com a comunidade escolar, uma vez que todos participaram de forma efetiva do projeto, seja como locutores, (os alunos que participaram das gravações) seja como interlocutores, (ouvintes que, via escuta, contribuíram com o processo).

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Rádio escolar. Oralidade. Escuta.

ABSTRACT: This article discusses the implementation and analysis of working with a School Radio as a driving force of the Bakhtinian dialogism. Besides that, it also aims to work with orality, especially the work developed by oral genres as a social practice as well as listening and its role in the project. As for the theoretical references, the authors that stand out are Bakhtin, Fiorin and Faraco, on dialogism; Dolz and Schneuwly, regarding orality and oral genres in school; Baltar, on School Radio; Geraldi, about social practices; Bakhtin, in the approach of the discursive genres and Ponzio, when it comes to the listening. Through listening post and exotopic perspectives, it was verified that radio can be considered as a means of dialogue with the school community, since everyone participated effectively in the project, either as speakers (the students who took part in the recordings) or as interlocutors (listeners who, through listening, contributed to the process).

KEYWORDS: Dialogism. School radio. Orality. Listening.

Introdução

O rádio, atualmente com o avanço da tecnologia, não é considerado um meio de comunicação muito utilizado, pois não atinge todos os públicos, em especial os indivíduos que nasceram e cresceram na era da internet, que por sua vez, apresenta vantagens como velocidade de informação e mais praticidade de uso. Todavia, consideramos relevante que esse veículo

¹ Mestre em Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Bagé/RS. E-mail: alessandra-goulart@hotmail.com.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Bagé/RS. E-mail: fabiunipampa@gmail.com.

mais formal, o rádio, pode servir como instrumento de exploração para o desenvolvimento de um trabalho no ambiente escolar, uma vez que possibilita práticas que instigam questões envolvendo o diálogo, a oralidade e a escuta.

Assim, esse texto tem por objetivo relatar e analisar a implementação de uma Rádio no contexto escolar em uma escola pública de ensino fundamental em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, local em que a cultura radiofônica é ainda muito forte e presente no dia a dia das pessoas. Para isso, tematizaremos inicialmente os motivos que levaram a proposta de implementação, os pilares teóricos que sustentaram a proposta e, a partir de um lugar exotópico, buscamos rastrear o impacto do projeto desenvolvido junto à comunidade escolar.

Os alunos envolvidos no projeto atuaram de forma voluntária e trabalharam em conjunto, ou seja, os estudantes de 6º a 9º ano participaram das produções dos programas da rádio. Embora o projeto Rádio Escolar visasse atingir o público e comunidade escolar, foi formada uma comissão responsável pelas gravações, levantamento de pauta, materiais para divulgação, organização do roteiro de gravação, entre outras funções que surgiram no decorrer dos encontros, composta, aproximadamente, entre 8 a 10 alunos, que participou de cada gravação que ocorria quinzenalmente. A programação era pré-definida em momentos de diálogo por meio do aplicativo de mensagens instantâneas e organizada nos encontros, ou seja, primeiro era usado um tempo para estabelecer a pauta e posteriormente realizada a gravação. Porém, a pauta modificava-se a cada programa por meio de interferências dos ouvintes. Além das sugestões, a programação também era alterada por meio de questões pertinentes à escola, ou seja, tudo o que acontecia na escola se refletia na Rádio Escolar, uma vez que eram apresentados anúncios, recados, notícias, datas comemorativas, informações importantes como calendário de provas, entre outros.

Quanto ao trabalho com a oralidade e com os gêneros orais, podemos considerar alguns destes com mais destaque nas programações da Rádio Escolar, tais como: entrevista, notícias, recado, piada, anúncio de previsão do tempo e leitura de textos literários, mais especificamente, poemas. Os programas foram compartilhados após suas gravações durante o intervalo das aulas do turno da manhã. Toda a comunidade escolar pôde colaborar com as produções dos programas por meio de sugestões que sempre foram bem-vindas e continuamente enriqueceram o trabalho em curso.

O projeto com a Rádio Escolar pode ser considerado um meio de instigar a interação com todos os envolvidos no processo, uma vez que lida com questões que tiveram relação, em especial, com a escuta e o dialogismo, a partir do desenvolvimento da oralidade via gêneros

discursivos. Pode-se dizer, então, que a rádio escolar no contexto escolar foi propulsora do dialogismo, no que diz respeito a dar espaço para as vozes sociais, uma vez que os alunos participantes e organizadores dos programas da rádio estiveram diretamente em contato com gêneros discursivos e possibilitou que os textos dos alunos circulassem de forma que tivessem uma função social, ou seja, que não apresentassem apenas o professor como interlocutor, de maneira que essas produções não se perdessem como meras atividades avaliativas, mas que fossem significativas ao serem publicadas nos programas da Rádio.

Consideramos importante compartilhar a experiência a partir de um projeto que envolveu toda a comunidade escolar e que proporcionou uma miscigenação dos próprios alunos da escola, pois o trabalho com a Rádio Escolar não dividiu os alunos por séries ou idade.

A seguir apresentaremos os pilares teóricos que sustentaram o trabalho com a rádio. No item três apresentamos uma reflexão sobre escuta para no item quatro, trazer as reflexões advindas do lugar exotópico quanto à implementação da rádio escolar como propulsora do dialogismo bakhtiniano. Por fim, concluímos com as considerações finais.

Os pilares teóricos que sustentaram a prática com a rádio escolar

Dialogismo bakhtiniano

Abordaremos nessa seção o dialogismo e as relações dialógicas, citando Bakhtin e alguns autores que mencionam tais princípios do filósofo e seu círculo, uma vez que acreditamos que trabalhar com uma Rádio Escolar na perspectiva bakhtiniana é considerar a linguagem como uma forma de interação.

É interessante ressaltar que o dialogismo não se refere somente ao diálogo, como no sentido de interação face a face, e sim, é considerado como uma forma de funcionamento real da linguagem. Conforme Bakhtin (2003), a língua no seu uso real é considerada dialógica e um discurso se relaciona com outros discursos e não com outros elementos:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1992, p. 125).

Segundo Fiorin (2008), o dialogismo é considerado como as relações de sentido que se estabelece entre enunciados, ou seja, o enunciado como uma situação real da língua. A interação verbal viva, como afirma Bakhtin (1992), não faz relação alguma com gramáticas, dicionários

e outros meios similares. Tal interação é considerada tanto na oralidade quanto na escrita, uma vez que se trata do diálogo entre falantes.

À vista disso, Fiorin (2008, p. 19) ainda afirma que “[...] toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” e que “não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados”. Essas são apenas representação dos sons, palavras e orações, já os “enunciados são enunciados reais da comunicação”.

É possível observar as relações dialógicas mesmo na fala habitual, pois esta se trata de uma comunicação real, o dialogismo não se prende apenas em discussões meramente formais, conforme ressalta Fiorin (2008):

Ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou a reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada, admirativa, zombeteira, irônica, desdenhosa, indignativa, desconfiada, aprovadora, reprovadora, dubitativa, etc., todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem (FIORIN, 2008, p. 27).

Entretanto, o autor afirma que o sujeito bakhtiniano não está totalmente “assujeitado” aos discursos sociais, ou seja, submetido, já que este por meio do dialogismo encontra seu lugar de liberdade e inacabamento, podendo ser um sujeito social e individual concomitantemente.

Outra compreensão de dialogismo, conforme destaca Fiorin (2008, p. 56), diz respeito ao princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. É a forma como o sujeito age em relação a outros sujeitos. Para tanto, é importante destacar o que diz o autor:

Outras vozes são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas. São vistas como uma entre outras. Por isso, são centrífugas, permeáveis à impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança (FIORIN, 2008, p. 56).

Desse modo, será importante ressaltar, no trabalho com a Rádio Escolar, a maneira como os programas serão recebidos pelos seus interlocutores, uma vez que será necessário observar a reação que o processo com a Rádio Escolar provocará, ou seja, o retorno de seus ouvintes, a hibridização como forma de mistura de diálogos, ou melhor, da interação entre o que será apresentado na Rádio e a resposta de seu público, isto é, o que essa escuta representará em termos de responsividade dos sujeitos.

Segundo Faraco (2009), somente dessa forma, no que se refere ao dialogismo, é possível responder em sentido amplo e não apenas empírico do termo, ou seja, utilizar de réplicas ao

dito, confrontar posições, confirmar, rejeitar, buscar sentido profundo, entre outros. Pensando na afirmação do autor e relacionando ao trabalho com a Rádio Escolar, é preciso pensar no desenvolvimento da rádio escolar de maneira que esta apresente enunciados, ou seja, discursos significativos para aquele meio em que serão apresentados, visto que dessa forma a comunidade escolar participe de forma ativa e relevante frente ao dito.

Rádio escolar como prática dialógica

Nessa seção, abordaremos questões de linguagem como caráter interacional no que se refere à rádio escolar como prática dialógica. Para tanto, focaremos no trabalho de Baltar (2009) em seu livro “Rádio Escolar: letramentos e gêneros textuais”, que foi utilizado como base em nossa prática desenvolvida.

O autor apresenta um trabalho de dois anos de pesquisas e aborda efeitos da implantação de rádios escolares produzidas por escolas nos arredores da Universidade de Caxias do Sul-RS³. Baltar (2009) se respalda no Interacionismo Sociodiscursivo, de Jean-Paul Bronckart para realizar a abordagem de produção de rádios escolares. O autor acredita que o maior desafio na educação básica é ajudar os sujeitos inseridos no contexto escolar a desenvolverem-se como “humanos aptos a apreenderem a sociedade em que vive” (BALTAR, 2009, p. 15).

O trabalho com uma Rádio Escolar propicia condições sociodiscursivas, uma vez que os indivíduos estarão em contato com situações reais da língua. O autor afirma acerca do Interacionismo Sociodiscursivo que:

O ISD, em suma, postula que as atividades e as ações humanas devem ser tratadas discursivamente em suas dimensões individuais-psicológicas e coletivo-sociológicas. Considera a linguagem como principal característica da atividade social dos humanos, os quais interagem, nas diversas esferas da sociedade, por meio de atividades (coletivas) e de ações (individuais) de linguagem, realizadas por intermédio de textos de diferentes espécies: os gêneros textuais (BALTAR, 2009, p. 15).

Quanto aos gêneros textuais, mencionado por Baltar nesse excerto, destacamos que em nosso trabalho com a Rádio Escolar não será utilizado esse termo quanto aos gêneros, pois nos apropriamos dos gêneros discursivos para futuras discussões, por nos embasarmos no fato de que os gêneros discursivos contemplam todas as esferas da atividade humana, conforma menciona Bakhtin (2003). Ainda com relação aos gêneros, sob a ótica discursiva, concordamos

³ É importante salientar que o foco do nosso projeto tem outro viés se compararmos com o trabalho de Baltar, pois trataremos da Rádio Escolar como possível propulsora do dialogismo bakhtiniano e focaremos na oralidade e escuta.

com Baltar (2009) no que se refere ao trabalho com a Rádio Escolar não apenas como um recurso didático-pedagógico, mas como um instrumento que possibilite inserir e contemplar todos os indivíduos envolvidos, sendo estes professores, alunos e comunidade escolar.

Baltar (2009) considera o trabalho com uma Rádio Escolar como uma prática de letramento que promove múltiplos letramentos na escola e o caracteriza como midiático-radiofônico. É importante salientar que um projeto de letramento, como afirma o autor, é um conjunto de atividades de linguagem, de maneira que os indivíduos envolvidos participam de práticas aplicadas na sociedade letrada.

Por outro lado, o autor afirma que os educadores devem considerar condições em que os alunos desenvolvam múltiplas competências, em especial a competência discursiva, que ampliam capacidades linguísticas, textuais e comunicativas, de forma que esses sujeitos se tornem autônomos.

Pensando nas práticas tecnológicas, consideramos importante o aplicativo audacity, proposto por Baltar para o desenvolvimento das gravações dos programas da Rádio Escolar. Nesse instrumento é possível gravar, editar, adicionar sons, músicas, efeitos, cortar gravações que não fiquem adequadas, ou seja, tem todo um suporte para enriquecer os programas de rádio. Conforme Baltar:

O download do programa pode ser feito pelo site oficial do audacity: <http://audacity.sourceforge.net/>. É recomendado fazer o download lame que também pode ser encontrado nesse mesmo site. O lame é necessário para poder exportar seus arquivos para o formato MP3. Embora a versão mais recente do audacity seja 1.3.7 (Beta), recomendamos o download da versão 1.2.6 por ser mais estável, completa e por possuir tradução para o português (BALTAR, 2009, p. 113).

Acreditamos que o manuseio desse aplicativo ocorreu de maneira fácil, pois houve uma participação em um minicurso e o programa mostrou-se claro e objetivo, não havendo problemas significativos para as gravações de programas de rádio.

A escuta no âmbito da rádio escolar

A rádio, em geral, é um veículo que necessita de ouvintes para manter seus objetivos de informação, entretenimento e interação com o público. Porém, nesse trabalho com uma Rádio Escolar, não tratamos os interlocutores apenas como ouvintes, pois ouvir, segundo Ponzio (2010), relacionado ao silêncio da mesma forma que relaciona a escuta ao calar, e essa escuta é que trará sentido para o interlocutor no que se refere à Rádio. É importante ressaltarmos o excerto abaixo em que o autor afirma que:

O silenciar e o ouvir, no sentido de escutar, dizem respeito às condições da percepção e do reconhecimento da palavra. Já o calar e o escutar dizem respeito às condições do

entendimento produtor de sentido da palavra. O silenciar está ligado ao ouvir, ao fazer-se ouvir e ao querer ouvir. Já o calar está ligado à escuta, à disposição para a escuta e à demanda por escuta. O calar é possível apenas no mundo humano, apenas para o homem, mas requer escuta. O calar, a escuta, o som dotado de silêncio (a palavra) constituem, diz Bakhtin, uma peculiar “logosfera, uma estrutura unitária, ininterrupta, uma totalidade aberta (inacabável)” (PONZIO, 2010, p. 53).

Dessa forma, acreditamos ser relevante relacionar a Rádio Escolar com a escuta, pois o projeto também foi desenvolvido e analisado pelo viés do sentido que os programas da Rádio trouxeram para a comunidade escolar, ou seja, ao seu público alvo.

Ainda, é importante salientar que há uma grande diferença entre “silenciar” e “calar”, conforme afirma Ponzio (2010), e consideramos relevante essa questão, pensando no contexto da Rádio Escolar, uma vez que necessitaremos desse “calar” da comunidade escolar para que o projeto atinja seus objetivos de forma relevante. Para tanto, veremos o que afirma Ponzio (2010) acerca disso:

O silenciar tem a ver com a língua e com seu substrato físico, de ordem acústica e fisiológica. Já o calar tem a ver com a enunciação e com o sentido e, portanto, com aquilo que é propriamente singular, único, irrepetível (PONZIO, 2010, p. 54).

Sendo assim, acreditamos ser importante esse olhar para o outro lado, ao que se refere à Rádio Escolar e ao pensar em seus ouvintes, um olhar para questões sobre escuta e o sentido para seus interlocutores, uma visão sobre essa interação tão minuciosa que ocorreu durante o desenvolvimento da rádio escolar.

Para isto, nos embasaremos no conceito de “exotopia” de Bakhtin (apud PONZIO, 2010) que trata de um “olhar externo”, ou seja, se tratando da Rádio Escolar, focamos em questões que abordaram a forma como a comunidade escolar recebeu a Rádio e, principalmente, se essa prática fez diferença para seus participantes, se houve diálogo entre os programas e seus ouvintes, bem como com os protagonistas das gravações.

Para tanto, este “olhar externo”, a exotopia, é importante para o processo de interação da comunidade escolar com o projeto da rádio, pois através da escuta, que consideramos nessa perspectiva como um lugar externo, em que os interlocutores podem receber e ver a rádio com um olhar diferenciado daquele que os locutores a veem, é que há o diálogo entre os indivíduos, pois cada um exerce sua função e estabelece uma comunicação singular nesse meio.

Ainda, se referindo a diálogo, é importante salientar que este não foi visto meramente como aspecto formal da palavra, conforme afirma Ponzio (2010, p. 38), mas como uma maneira de interação, de diálogo entre os programas (gravados pelos alunos) e os interlocutores destes, ou seja, a comunidade escolar. Para tal, ressaltamos o que afirma o autor:

Entre a palavra outra e a outra palavra que a compreende e a configura há uma relação dialógica, ou seja, de envolvimento, de não-indiferença. “Diálogo”, com uma acepção diferente daquela que diz respeito a um gênero de discurso, e que se refere simplesmente a um aspecto formal da palavra, mas indicando uma relação de inevitável interação interna da palavra, justamente enquanto uma outra palavra e palavra outra está junto com a *exotopia* ou *extralocalidade* (*vnenechodimost'*), *excesso*, *configuração*, *responsabilidade*, *diálogo*. Esse é um dos conceitos fundamentais que Bakhtin emprega ao longo de toda a sua pesquisa, dos escritos dos anos 20 àqueles da primeira metade dos anos 70 (PONZIO, 2010, p. 38).

Por outro lado, ainda conforme afirma Ponzio (2010), a palavra necessita de outra palavra para existir, porém no trabalho com a Rádio Escolar essa segunda palavra foi vista por meio da interação que proporcionou o diálogo entre seus envolvidos. É mister pensar na palavra que foi posta para os interlocutores da Rádio Escolar, não apenas no sentido de informar ou entreter, mas em como a palavra foi apresentada, na forma em que esta chegou à escuta, na significância que trouxe para seu público. Palavra como símbolo de diálogo, que é lançada com o propósito de atingir quem a escuta, de forma que mesmo no calar, se tratando dos interlocutores, haja interação entre a palavra e seu ouvinte.

Outro mote que julgamos ser pertinente nesse estudo, ainda pensando em questões que envolvam “a palavra”, é refletir sobre o domínio da palavra, e para isto, abordaremos novamente conceitos de Ponzio (2010), em que o autor afirma que:

O domínio sobre a palavra é ilusório. Colocar em discussão a propriedade, o pertencimento, o domínio, é um ponto de partida para a busca da liberdade da palavra. O domínio, a propriedade, o pertencimento têm a ver inevitavelmente com a identidade (PONZIO, 2010, p. 20).

Dessa forma, esperamos mostrar, a partir de um lugar exotópico, que a rádio escolar pode ser um espaço de domínio da palavra, não pelo domínio em si, porém que faça relação com a identidade de seus participantes, uma vez que estes indivíduos estão envolvidos em questões que tenham ligação com as circunstâncias do ambiente escolar, para que a palavra não seja ouvida superficialmente, mas que seu enunciado seja significativo como um todo.

Caminhos traçados pela escuta

À escuta das compreensões dialógicas

Com base no lugar exotópico que ocupamos e à escuta, nessa seção, serão apresentadas reflexões sobre todo o processo de desenvolvimento da rádio escolar, buscando uma abordagem com foco em questões acerca do dialogismo a fim de que possamos relacionar a teoria de fundamento com a prática realizada. Como instrumento para essa análise, faremos uso de respostas que os alunos - membros da comissão da rádio - deram a um mesmo questionário em

dois momentos distintos: no início, momento de implementação e após um semestre de participação na rádio escolar.

Em uma primeira pergunta, “O que você entende por rádio?”, no questionário aplicado, encontramos as seguintes respostas:

“É um tipo de transmissão de informação”
“Um tipo de fonte de informações e diversão”.
“É um meio das pessoas ficarem informadas”

Ao final do semestre, obtivemos tais respostas:

“Eu entendo que rádio é muito importante pois faz parte do nosso dia a dia”
“É um lugar que locutores comunicam-se com pessoas e falam notícias do mundo”
“Um meio de transmitir informações e entretenimento”
“Rádio serve para informar, entretenimento e para passar o tempo”.

Podemos identificar que houve progresso ao que diz respeito da comparação das respostas, pois nas respostas iniciais há certo distanciamento com o que se está dizendo, ou seja, tudo muito genérico, se referindo à rádio prioritariamente como um meio de informação. Já no questionário final há uma diferença interessante, pois além de tratar o meio de comunicação como uma fonte de informação, também trata como algo importante, em que há comunicação entre locutores e interlocutores, ou seja, como um espaço de diálogo e não apenas como um meio em que se é somente ouvinte de informações.

Uma segunda questão, “Qual a função de uma rádio? Explique com suas palavras”, encontramos as seguintes respostas no questionário inicial:

“Transmissão de informações”
“Informar os outros”
“Ficar por dentro das notícias”
“De informar as pessoas”
“A função de uma rádio é entreter as pessoas com uma música, com uma notícia, etc”

Já no questionário final, identificamos as respostas:

“A função de uma rádio é deixar as pessoas informadas para interagir”
“Rádio não é só pra música, muitas vezes ela te informa muita coisa”
“Transmitir informações à comunidade e divulgar anúncios”
“Ajudar e avisar algo”

A escuta do lugar exotópico nos permite considerar que há indícios de progressão entre as respostas do questionário inicial e final, pois antes da atuação na rádio, os alunos ainda estão pensando no veículo somente para transmitir informações e entreter com músicas, porém após a participação, podemos identificar que há uma mudança significativa nas respostas, pois aparece a palavra “interagir” e ainda expressões envolvendo a questão dos gêneros que circulam socialmente como, por exemplo “divulgar anunciar” e “avisar algo”. Dessa forma, acreditamos que a experiência no projeto proporcionou a estes alunos uma vasta visão sobre a função do meio de comunicação rádio e domínio dos gêneros discursivos que circulam nessa esfera.

Diante do questionamento “Quais suas expectativas em relação a uma rádio na escola?”, podemos observar as seguintes respostas no questionário inicial:

“Acho legal pois é um projeto diferente que eu não tive em outras escolas”
“Eu acho que vai ser bem legal, e também uma nova experiência”
“Acho que vai ser legal, uma experiência nova”
“Fazer sucesso e todo mundo gostar”.

Pode-se perceber certo entusiasmo em relação à proposta de participação na rádio nas respostas iniciais, e este não só se concretiza, mas amadurece como pode-se notar nas respostas dadas ao mesmo questionamento após um semestre de participação na rádio escolar:

“Melhor comunicação com professores e aluno”
“Trabalhar em grupo e deixar as pessoas da escola informadas”
“Mais aprendizagem e mais interesse nas notícias”
“Super legal, curioso e também algo novo”.

Nota-se que houve evolução sobre o que os sujeitos esperavam com o projeto da Rádio Escolar e o que se adquiriu com o mesmo, pois nas respostas finais os alunos falam sobre a melhora no diálogo entre professores e alunos, bem como a importância do trabalho em grupo, ainda relatam sobre a questão da aprendizagem e também do caráter inovador desse tipo de prática.

Para focarmos em questões que envolvessem a interação entre os envolvidos com a rádio escolar, foi apresentada a seguinte pergunta: “Você considera o trabalho com uma rádio no contexto escolar como uma forma de interação entre alunos-professora, alunos-alunos e/ou alunos-professora-comunidade escolar? Justifique sua resposta.” Os alunos responderam no questionário inicial, dizendo que:

“Sim, vai ajudar na relação com os colegas”
“Sim, porque a rádio passa na escola e isso ajuda a interagir com as outras pessoas”
“Sim, pois haverá um diálogo”
“Sim, porque vamos interagir bastante entre colegas e professora trocando ideias”

Inicialmente, os sujeitos trazem as expectativas para o trabalho com o projeto no que se refere à interação dos sujeitos comprometidos com a Rádio Escolar. Estas expectativas são confirmadas no questionário final, uma vez que os estudantes responderam que:

“Sim, porque no próprio projeto a gente aprende a se comunicar melhor com quem não conhecemos”

“Sim, porque aprendemos a conviver e trabalhar em grupo”

“Sim, é uma integração”

“Sim, porque interagimos trocando ideias”

Pode-se perceber que os alunos reconhecem que o trabalho com a Rádio Escolar é considerado uma forma de interação, visto que nas respostas são abordadas questões como melhoria na comunicação, convivência em grupo, troca de ideias e ainda um aluno ressalta que se trata de “uma integração”, ou seja, houve uma aproximação com a comunidade escolar.

Por meio das respostas iniciais e finais do questionário aplicado com os alunos que fizeram parte da comissão de organização e gravação dos programas da rádio escolar, podemos destacar que o mesmo abrangeu seu caráter interativo, ou seja, podemos observar que os envolvidos no projeto tiveram a oportunidade de dialogar através dessa proposta de interação na escola, a Rádio Escolar.

À escuta do sujeito dialógico

Aqui serão abordadas algumas observações sobre os momentos de encontros para elaboração dos roteiros e gravações dos programas, relacionando tais ocasiões com questões que envolvam a interação e diálogo dos alunos envolvidos.

É importante ressaltar que entre os integrantes da comissão de gravação dos programas houve a participação de um aluno natural e até então morador da cidade do Rio de Janeiro/RJ, tal estudante veio para a cidade de Bagé/RS porque seu pai é militar e foi transferido. Durante o processo, o nosso lugar exotópico, permitiu reconhecer um certo distanciamento do estudante com relação a seus colegas, uma vez que o mesmo tinha vergonha de seu sotaque. Foi uma surpresa o fato de ele ter se candidatado para a comissão de gravação da Rádio Escolar, porém não houve em algum momento nenhuma distinção entre este e os demais alunos, pois o mesmo se integrou facilmente ao grupo.

Outro fato que chamou bastante a atenção é que o referido aluno, no decorrer das gravações, sempre se candidatava para ser o apresentador dos programas, não que os demais alunos não participassem como locutores, afinal em todas as gravações a maioria dos

participantes tinha o papel de locutor, ou seja, o roteiro era dividido em partes e cada aluno apresentava a sua, porém este aluno era o que sempre queria começar o programa, fazer o chamamento dos interlocutores para à escuta. Isto fez com que este aluno em especial se destacasse mais ao desempenhar sua função na Rádio Escolar, uma vez que mesmo com algumas limitações, estipuladas por certo preconceito que vivenciava na escola, conseguiu realizar satisfatoriamente seu papel como colaborador do projeto.

Ainda sobre estes fatos, é relevante ressaltar que logo após o primeiro encontro, os demais alunos se sensibilizaram com o colega “estrangeiro” e organizaram em um dos roteiros de gravação uma lista de palavras e expressões cariocas, bem como seus significados, solicitando a ajuda do colega, para apresentação na programação. Dessa maneira, este acontecimento evidencia muito do diálogo entre estes sujeitos envolvidos no projeto, uma vez que o aluno carioca pôde ficar mais à vontade com o grupo, especialmente, ao compartilhar suas vivências com a língua e identidade. Assim, foi possível desconstruir o que Ponzio (2010) chama de desterritorialidade, como podemos observar na citação abaixo:

Sob a casca do indivíduo falante, está o balbúcio do singular, a sua estranheza, à sua “própria” identidade linguística, o seu ser estrangeiro a si mesmo como sujeito falante de uma língua, o seu não-reconhecimento, o seu sentimento de desterritorialidade, na sua própria “língua materna” (PONZIO, 2010, p. 51).

O projeto com a Rádio Escolar proporcionou um espaço de interação para que o referido estudante pudesse dialogar não apenas com o grupo que se encontrava para as gravações dos programas, mas também com toda a comunidade escolar, deixando de ser considerado um estrangeiro e dessa forma se integrando de forma efetiva com todos.

Todavia, esta integração não permitiu que este aluno perdesse sua identidade e singularidade, uma vez que o mesmo participou dos oito encontros para gravações expondo suas particularidades, as quais foram respeitadas pela comunidade escolar. Para tanto, é importante destacarmos o que menciona Ponzio (2010) acerca disto:

O singular é cada um de nós enquanto excedente em relação aos papéis, à posição social, à língua e a suas linguagens, aos gêneros discursivos, aos lugares comuns do discurso. Sua identidade concreta, de indivíduo falante, não cobre completamente a sua singularidade, que transborda da sua língua, do seu dialeto, da sua fala regional, da sua linguagem profissional, do seu “idioleto”, do seu “estilo” (PONZIO, 2010, p. 51).

À escuta da comunidade escolar

O processo com a Rádio Escolar se desenvolveu de maneira que foi possível o envolvimento de toda a comunidade escolar, embora as produções dos programas fossem realizadas apenas por um número estipulado de alunos, ou seja, os estudantes que se voluntariaram e que tiveram oportunidade para isto, em função de tempo e deslocamento até a escola, pois os encontros ocorreram em turno inverso ao das aulas. No entanto, essa equipe ocupou o lugar de mediadores das vozes da comunidade escolar.

O envolvimento da comunidade escolar com o projeto ocorreu por meio da escuta e do diálogo ao longo das gravações e apresentações dos programas da rádio, uma vez que após cada programa divulgado, alunos que não faziam parte da comissão de gravação, professores, diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica, secretária e familiares contribuíam para as programações posteriores. Tais contribuições se destacaram por meio de pedidos de música, sugestões de horóscopo, notícias, entrevistas e anúncio de notícias da escola. Também eram sugeridas mensagens de motivação e piadas.

As sugestões para os programas eram feitas por meio de bilhetes entregues à professora responsável pelo projeto e também aos alunos encarregados pelas gravações. Os apontamentos entregues eram analisados e escolhidos durante o processo de organização do roteiro de gravação para conquistarem sua referida divulgação nos programas, porém não era possível contemplar todas as sugestões na mesma semana, uma vez que cada programa tinha a duração de, no máximo, 15 minutos.

Todavia, também é relevante ressaltar a maneira como a comunidade escolar recebeu a Rádio, uma vez que estes indivíduos estiveram envolvidos direta e indiretamente em todo o processo do projeto. Foi possível observar primeiramente certa curiosidade diante do projeto com a Rádio Escolar, muitos perguntavam: “Como será?”, “Os programas serão ao vivo?”, “O que cada aluno vai gravar?”, “Eu posso ser o locutor?”, “Será que posso escolher uma música que não é muito conhecida?”, “E se eu ficar nervosa, posso gravar de novo?”, “Posso gravar mesmo tendo sotaque carioca? Será que as outras pessoas vão entender?”, enfim, vários questionamentos surgiram em um primeiro momento, os quais foram sanados ao longo dos encontros e apresentações dos programas.

Outro ponto importante para abordarmos é a forma como a comunidade escolar, em especial os interlocutores, ou seja, os ouvintes dos programas receberam o projeto e em que momento estes indivíduos começaram a participar de maneira mais efetiva.

No decorrer das gravações se percebia mais o envolvimento de todos os integrantes da escola no projeto, além de sugestões que se tratavam desde pedidos de músicas, pois a cada

programa era tocada uma música após a gravação dos alunos como locutores, até pedidos de horóscopo, textos divertidos como piadas, novidades da escola e também do bar em que eram vendidos lanches e bebidas.

É interessante destacar que alguns professores de outras áreas⁴ participaram de forma relevante em algumas gravações, a professora de Educação Física, por exemplo, que também trabalha na escola no turno da tarde, pôde, em alguns momentos, orientar os alunos que estavam responsáveis pela divulgação de informações que envolvessem esporte para apresentarem em um programa, em que uma aluna sugeriu que falassem sobre “Handebol”, bem como suas regras e formas de jogo. Ainda, outra professora, de matemática, participou solicitando a propaganda de suas “trufas”, doces cobertos com chocolate e recheados com vários sabores, as quais eram vendidas algumas vezes na semana para alunos e funcionários.

Tais textos para serem divulgados na programação da Rádio Escolar eram planejados e escritos juntamente com os professores de língua portuguesa, responsáveis pelo projeto da rádio, uma vez que alguns alunos procuravam estes professores para a realização das escritas, as quais eram acrescentadas ao roteiro de gravação e apresentadas nos programas gravados.

Em contrapartida, a equipe diretiva, mais especificamente diretora e coordenadora pedagógica, também apresentou participação significativa no projeto, uma vez que além de sugestões de temas, também participaram em alguns momentos das próprias gravações, apresentando notícias da escola e divulgação de eventos como festa junina. Isto gerou muita satisfação para os alunos responsáveis pelas gravações.

Um fato curioso que ocorreu durante o processo e no decorrer de apresentações de algumas notícias, e recados da equipe diretiva, foi que estes mesmos recados eram colados por meio de bilhetes na agenda de cada aluno, porém muitos alunos não ficavam sabendo do assunto por meio do bilhete, que nos casos ocorridos já estavam entregues e colados, mas obtinham as informações por intermédio da Rádio Escolar.

Dessa forma, acreditamos que a rádio escolar se tornou um propulsor do dialogismo no sentido bakhtiniano, para a comunidade escolar, ou seja, todos de certa forma puderam contribuir, seja como locutor ou ouvinte, participando integralmente do projeto ou simplesmente se envolvendo com a escuta, uma vez que de alguma maneira trouxe interação e novos sentidos para a rotina escolar.

Considerações finais

⁴ A área de língua portuguesa foi a responsável pela implementação do projeto rádio escolar.

Podemos dizer que o trabalho com a rádio possibilitou momentos de interação para a comunidade escolar, uma vez que contribuiu para que houvesse um espaço que integrasse mais ainda a escola, além de ter sido uma novidade para todos os envolvidos, pois até então não havia sido realizado nenhum projeto como este na instituição. Possibilitou, então, incentivar práticas que colaboraram para o diálogo da comunidade escolar, visto que a rádio pode ser considerada um meio de interação entre os sujeitos, a qual proporcionou um espaço de comunicação entre os locutores e interlocutores dos programas gravados.

Além disso, as questões que envolveram “a escuta” contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento do projeto, uma vez que por meio da interação dos ouvintes no decorrer dos programas, que eram apresentados semanalmente, foi possível que houvesse um significado maior diante da Rádio Escolar. Dessa maneira, o projeto proporcionou momentos de diálogo entre os envolvidos no processo, ou seja, a comunidade escolar, a qual contribuiu de forma efetiva para a programação por meio de sugestões que eram entregues de forma escrita para os alunos responsáveis pelas gravações e à professora pesquisadora.

Ao olharmos para as práticas que envolveram a oralidade, realizada com distintos gêneros discursivos, podemos ressaltar que houve um trabalho efetivo com os gêneros orais enquanto prática social, uma vez que consideramos o projeto da Rádio Escolar como tal, pois o mesmo apresentou situações reais de linguagem, ou seja, seus enunciados eram verdadeiros, faziam sentido naquele contexto, visto que se tratava de questões pertinentes para a comunidade escolar.

Dessa forma, o trabalho com a oralidade trouxe uma experiência singular principalmente para os alunos que executaram as gravações dos programas, pois estes estiveram em contato com os gêneros discursivos de forma que os trabalharam em uma situação real de comunicação, ou seja, a Rádio Escolar.

O olhar exotópico nos permite (re)conhecer o processo pelo qual passaram os sujeitos envolvidos com o trabalho na rádio escolar. Sujeitos estes que viram no processo dialógico uma forma de se constituírem protagonistas do seu dizer, além de reconhecer a importância de se colocar à escuta de outras vozes sociais.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad, P. Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1986.

BALTAR, M. *Rádio Escolar: letramento e gêneros textuais*. Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2009.

BRAIT, B (org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, C. M. Raízes do Paradigma Indiciário. *Revista de história da Ufes*, 2007.

FARACO, C.A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, J.W. A produção de diferentes letramentos. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.

GIOVANI, F. SOUZA, N. B. *Bakhtin e a educação: a ética, a estética e a cognição*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

GIOVANI, F. *O texto na apropriação da escrita*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos-SP: UFSCar, 2006.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. Tradução de Valdermir Miotello e outros. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

RODRIGUES, M. B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Revista de história da Ufes*, n° 17, 2005. 213-221 pp.

SHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. 2° edição. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.